

Avaliação em larga escala, currículo e poder: a metáfora do maquinário social e a avaliação como engrenagem

Kaique Borel de Jesus
Centro Universitário Cidade Verde, Brasil
Endereço eletrônico: kaique.borel7@gmail.com

Gênesis Guimarães Soares
Universidade Federal da Bahia, Bahia, Brasil
Endereço eletrônico: genesis.soares@fbc.edu.br

949

Palavras-chave: Avaliações em larga escala. Currículo. Inclusão. Poder

INTRODUÇÃO: PRIMEIRA PALAVRAS

As avaliações em larga escala têm se tornado uma prática comum em sistemas educacionais ao redor do mundo, funcionando como uma ferramenta de mensuração do desempenho escolar e de orientação das políticas públicas. Logo, o presente estudo nasce das reflexões sobre as relações de controle que as avaliações em larga escala exercem sobre o currículo escolar e, conseqüentemente, sobre a própria escola.

A escolha da “metáfora do maquinário social e da avaliação como engrenagem” se deve ao fato de que pretendemos apresentar uma compreensão ensaística acerca das interações complexas e das dinâmicas de controle e resistência que permeiam as práticas avaliativas e o currículo escolar.

Entendemos, assim como Moreira e Silva (2002), que o currículo envolve relações de poder e dissemina pontos de vista simultaneamente sociais e particulares, capazes de originar identidades individuais e sociais específicas. O currículo não é um artefato transcendente e atemporal, mas possui uma história relacionada às formas peculiares e contingentes pelas quais a sociedade e a educação se organizam.

Ao passo que, isso se deve ao fato de os currículos escolares brasileiros serem totalmente impregnados por uma cultura burguesa, de forma que negar isso é negar os problemas e necessidades dos mesmos, isso porque, segundo explica Nidelcoff (1985,

Realização:



Apoio:



p.35) “a cultura burguesa se SUPERPÕE e se IMPÕE à cultura popular de várias maneiras”. Acreditamos que o pensamento burguês se estabelece através dos currículos e da cultura educacional, os quais não são neutros e estão vinculados à ideia de poder.

METODOLOGIA

A metodologia deste estudo é fundamentada em uma abordagem ensaística, conforme proposta por Meneghetti (2011), que enfatiza a reflexão crítica como uma ferramenta para compreender as realidades educacionais influenciadas por avaliações em larga escala. Esta escolha metodológica permite uma exploração mais livre e reflexiva das dinâmicas de controle e resistência que permeiam as práticas avaliativas e o currículo escolar.

Desse modo, realizou-se uma análise abrangente da literatura existente sobre avaliações em larga escala, currículo e poder. Esse processo incluiu a análise de artigos e livros que abordam as relações entre esses temas, com foco nas críticas e reflexões de autores como Foucault, Paulo Freire, e Sacristán. A revisão crítica serviu como base teórica para identificar as concepções dominantes e as controvérsias em torno das avaliações.

REFLEXÕES SOBRE AVALIAÇÕES EM LARGA ESCALA

É importante que, antes de continuarmos o percurso reflexivo que temos traçado, definamos alguns pontos e terminologias, aqui tratados. Com isso, iniciamos com o entendimento de que as avaliações em larga escala só o são por configurarem-se, também, enquanto avaliações externas.

Desse modo, segundo Fernandes (2019, p. 75)

Entende-se que a avaliação externa é aquela que é de responsabilidade de uma entidade qualquer externa à escola (Instituto de Avaliação, Ministério da Educação, Agência Independente de Avaliação) e tem como principal propósito medir, num dado momento, o que os alunos sabem e são capazes de fazer em um ou mais domínios do currículo de um ou mais anos de escolaridade.

Realização:



Apoio:



As avaliações em larga escala, tais como as conhecemos hoje, têm suas raízes no movimento de reforma educacional do início do século XX. Elas surgiram como parte de um esforço para tornar a educação mais científica e objetiva, seguindo a tradição do positivismo que predominava na época. Ao passo que de acordo com Sousa (2011), têm como intuito o diagnóstico de prováveis insuficiências na aprendizagem dos educandos, o direcionamento, tanto ações pedagógicas, quanto as administrativas e financeiras na intenção de trazer melhorias à qualidade de ensino.

Com base em Rodrigues, Souza e Alaniz (2016), podemos depreender que o papel inicial das avaliações em larga escala seria o de diagnosticar, contribuindo para a construção de um sistema nacional de educação estruturado. Contudo, a ideia que temos a partir das próprias autoras, atrelada aos nossos conhecimentos empíricos enquanto docentes e discentes, é a de que a avaliação tem funcionado basicamente como instrumento valorativo, ou seja, um instrumento que visa atribuir valor à capacidade dos educandos em "aprender" e da escola em "ensinar".

Desse modo, quando trazemos a questão da verificação desse “aprender” e desse “ensinar”, partimos da compreensão do que seria a aprendizagem e o ensino para os órgãos proponentes dessas avaliações em larga escala. Isso porque, embora ambos os processos estejam imbricados, há uma compreensão teórico-prática totalmente distinta, tanto por parte dos órgãos responsáveis por essas avaliações quanto por parte dos pesquisadores e profissionais da educação.

Segundo Sacristán (2000), o currículo é um campo de disputa, em que diferentes grupos sociais e políticos buscam impor suas visões de mundo e seus interesses. Nesse sentido, podemos refletir que as avaliações em larga escala desempenham um papel crucial, pois muitas vezes servem como um mecanismo de controle sobre o que é ensinado e aprendido nas escolas. Corroborando, Foucault (1987) argumenta que o poder não é apenas repressivo, mas também produtivo, na medida em que cria normas e padrões de comportamento.

A partir disso, pode-se perceber o motivo pelas quais existem diferentes concepções do processo avaliativo através do entendimento de que toda avaliação, assim como toda prática educativa, é carregada de intenção e interesse por parte de quem avalia. Ao passo que, nesse sentido, depreendemos uma dupla característica da avaliação:

Realização:



Apoio:



primeiramente entendemos que ela não é neutra e, por conseguinte, que ela pode ser concebida enquanto instrumento de poder. Como observado por Paulo Freire (1987), a educação pode ser uma ferramenta de opressão ou de emancipação, dependendo de como é utilizada. No contexto das avaliações em larga escala, há um risco de que elas perpetuem uma visão estreita e homogênea de sucesso, que não leva em conta a diversidade cultural e as diferentes formas de conhecimento.

Entendemos melhor essas relações de poder e de não-neutralidade ao considerar que as avaliações fazem parte de um processo funcional para cumprir objetivos previamente instituídos e ao serviço de uma causa ou de alguém, assim como engrenagens em um maquinário. No contexto, o maquinário é a própria sociedade. As avaliações, tal como engrenagens, assumem funções diferentes conforme suas posições e movimentos dentro do maquinário. O mal funcionamento de uma engrenagem (avaliação) pode ocasionar problemas para o maquinário inteiro (sociedade). Isso instantaneamente altera o *status quo* – o estado das coisas.

De maneira que, por meio desse pensamento, somos inclinados a acreditar que o desconhecimento desses processos e de sua desarticulação com as ações pedagógicas das instituições escolares tende a promover uma série de disparidades que em certa medida vão fomentar desigualdades que muitas vezes desconhecemos.

CONSIDERAÇÕES QUE NÃO SÃO FINAIS

Considera-se, a partir do que foi dito, que as avaliações em larga escala acabam por ir de encontro à lógica e à sua funcionalidade ideal, que seria estar ao serviço das instituições escolares e, sobretudo, dos educandos e de suas realidades. Ao passo que acreditamos que a compreensão do projeto político, envolto nesses dispositivos de avaliações externas, contribui grandemente para a construção de novas narrativas que tenham como foco não a avaliação com um fim em si mesma, mas a de que a avaliação deve de fato funcionar como mecanismo que auxiliará essas unidades escolares.

Realização:



Apoio:



REFERÊNCIAS

RODRIGUES, Ana Cristina da Silva; SOUZA, Silvia Rozane de Souza Avila de; ALANIZ, Vanessa Neumann. AVALIAÇÕES EM LARGA ESCALA: REFLEXÕES SOBRE O IMPACTO NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E NA GESTÃO DA ESCOLA. In: XVIII ENDIPE Didática e Prática de Ensino no contexto político contemporâneo: cenas da Educação Brasileira, **ANAIS**, Cuiabá, 2016. Disponível em: <https://www.andipe.com.br/c%C3%B3pia-livros-xx-endipe-rio-2020>. Acesso em: 20 jul. 2024.

FERNANDES, Domingos. Avaliações externas e aprendizagens dos alunos: uma reflexão crítica. **Linhas Críticas**, v. 25, p. e24579, 2019. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/24579>. Acesso em: 27 jul. 2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: História da Violência nas Prisões**. Petrópolis: Vozes, 1987.

MENEGHETTI, Francis Kanashiro. O que é um ensaio-teórico?. **Revista de administração contemporânea**, v. 15, n. 2, p. 320-332, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1415-65552011000200010>. Acesso em: 27 jul. 2024.

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa; DA SILVA, Tomaz Tadeu (orgs.). **Currículo, cultura e sociedade**. 7ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.

NIDELCOFF, María Teresa. **Uma escola para o povo**. Tradução: João Silvério Trevisan. 23ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

SOUZA, Sandra Zákia. Avaliações em larga escala e os desafios à qualidade educacional. **Roteiro**, v. 36, n. 2, p. 309-314, 2011.

SACRISTÁN, José Gimeno. **O currículo: uma reflexão sobre a prática**. Porto Alegre: ARTMED, 2000.

Realização:



Apoio:

